

O fogo revolucionário começa com uma canção | Carta semanal 37 (2024)



Mahankali Parvati (esquerda), Moturu Udayam (centro) e Chintala Koteshwaramma (direita) cantam uma canção contra a guerra durante a Segunda Guerra Mundial com o grupo que lideravam, o Burrakatha Squad. Crédito: Arquivos de fotografia do Praja Natya Mandali

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Mallu Swarajyam (1931-2022) nasceu com um nome apropriado. Das profundezas do movimento de massa contra o colonialismo britânico, iniciado pelos camponeses e trabalhadores da Índia e, em seguida, moldado por M. K. Gandhi no movimento pelo *swaraj* (governo autônomo), Bhimireddy Chokkamma atraiu sua filha, ainda bebê, para o movimento pela liberdade com um nome poderoso que sinalizava a luta pela

independência. Nascida em uma família de leitores e conseguindo ter acesso a livros por meio da organização popular radical Andhra Mahasabha, Mallu Swarajyam obteve uma tradução em telugu de *A mãe* (1907), de Maxim Gorky. O livro foi um dos muitos títulos que foram traduzidos pela União Soviética para outros idiomas, parte do grande presente desse país para a causa da alfabetização em todo o mundo, e circulou pelos comunistas na Índia. O romance de Gorky gira em torno de uma mãe, Pelageya Nilovna Vlasova, e seu filho, Pavel Vlasov. A mãe trabalha em uma fábrica, o pai, violento, morre, e o filho acaba se envolvendo em atividades revolucionárias. A mãe se preocupa com o filho, mas logo começa a ler a literatura socialista que ele traz para casa e também se envolve em atividades revolucionárias. Esse livro teve um impacto marcante na vida de Mallu Swarajyam, o que ela contou em seu livro de memórias de 2019 (conforme relatado a Katyayini e Vimala), *Naa Maate Tupaki Tuta* [Minhas palavras são como balas].

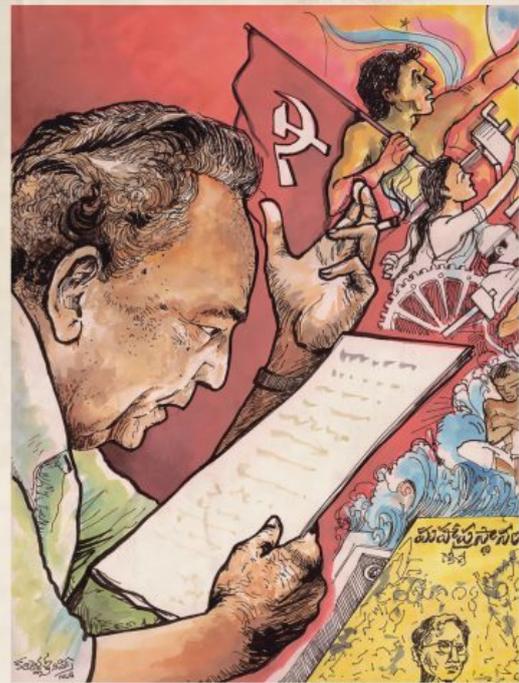
Depois de ler esse livro aos dez anos de idade, Mallu Swarajyam foi inspirada, no ano seguinte, a se juntar à convocação da Andhra Mahasabha para lutar contra a escravização por dívida. Ela decidiu romper as barreiras da casta e distribuir arroz aos trabalhadores escravizados em sua cidade. “Meus próprios tios eram contra o fato de eu dar arroz aos trabalhadores escravizados”, contou ela. “Mas eu estava convencida de que eles mereciam sua parte. E meu gesto abriu um precedente em toda a área, onde os trabalhadores forçados começaram a exigir pagamento por seu trabalho”. Sua mãe apoiou esses esforços, da mesma forma que Pelageya Nilovna Vlasova apoiou Pavel Vlasov em *A mãe*. Essas primeiras experiências prepararam Mallu Swarajyam para o levante rural que abalaria a região de língua telugu da Índia entre 1946 e 1951 e que ficou conhecido como movimento Telangana.



Mallu Swarajyam, uma heroína revolucionária comunista (à esquerda), com outras lutadoras da luta armada no final da década de 1940. Crédito: Sunil Janah

A radicalização de Mallu Swarajyam a levou ao movimento camponês emergente e à tentativa de criar o partido comunista. Ela se dedicou ao trabalho de organizar os camponeses em seu distrito e, logo depois, em toda a região. Quando a revolta começou, ela foi nomeada comandante de um *dalam* (uma força de combate), e seus discursos eram conhecidos como balas de fogo. Os proprietários se reuniram para colocar a cabeça dela a prêmio, oferecendo uma recompensa de 10 mil rúpias – uma quantia de dinheiro alta na época. Mas ela não se intimidou, tornando-se uma das mais queridas jovens líderes da luta armada.

Anos depois, Mallu Swarajyam contou suas experiências na organização dos camponeses durante a década de 1940. Mulheres e dalits de castas oprimidas enchiam o ar da aldeia à noite com canções enquanto trabalhavam para descascar o arroz. As músicas eram sobre Deus e suas vidas. “Sob a luz da lua”, Swarajyam relembrou, o canto era tão bonito que até “as pessoas que estavam dormindo gostavam dessas músicas”. Essas músicas foram derivadas de tradições de arte popular predominantes na sociedade telugu, como várias formas de narração de histórias que usam música e teatro para reencenar apresentações de *Harikatha* (a mitologia hindu do Senhor Vishnu), *Pakir patalu* (um conjunto de músicas sufis), *Bhagavatam* (histórias do épico sânscrito *Mahabharata*), bem como práticas não religiosas, como *Burrakatha* e *Gollasuddulu*, que contam histórias de trabalhadores e camponeses com dois tambores acompanhando o cantor. Foi por meio dessas músicas que os trabalhadores e camponeses contestaram a visão de mundo das castas dominantes. E foi nessa parte da imaginação popular que a esquerda interveio muito cedo na luta pela transformação social. Quando Mallu Swarajyam foi a pelo menos 30 vilarejos para iniciar a revolta, ela disse: “Iniciei um incêndio revolucionário nas pessoas com a música como nosso veículo. Do que mais eu precisava?”.



Esquerda: Gummadi Vithala Rao, popularmente conhecido como Gaddar, um dos mais influentes compositores revolucionários de língua teluguesa, se apresenta para os espectadores, primeiro cantando e dançando um verso de suas músicas e depois fazendo uma pausa para explicar seu significado político e histórico. Crédito: KN Hari

Direita: O poeta telugu Srirangam Srinivas Rao, popularmente conhecido como Sri Sri, lê um poema de sua antologia *Maha Prasthanam* (Marcha para a frente), com a capa amarela em destaque no canto inferior direito, para os manifestantes que se unem à luta por outra sob a bandeira vermelha (atrás à direita). Crédito: Kurella Srinivas, 2009

No centro de nossa publicação mais recente, *A luta do povo Telugu por terra e sonhos* (dossiê n. 80, setembro de 2024), está a relação da cultura com o radicalismo dos camponeses e da classe trabalhadora. Em áreas com alto índice de analfabetismo e sistemas educacionais coloniais, era impossível transmitir uma nova visão de

mundo somente por meio da palavra escrita ou de formas culturais estranhas ao mundo das pessoas. As canções e o teatro tornaram-se formas de conversa política em lugares como Índia, China e Vietnã. No Vietnã, o Partido Comunista formou equipes de propaganda (*Doi Tuyen Truyen Vo Trang*) que foram para o meio do povo e, por meio de peças de teatro e canções, mobilizaram as aldeias a participar da luta pela libertação. Na China, a história de levar peças teatrais para as áreas rurais remonta à década de 1930; durante o **Yan'an** (1935-1945), os grupos culturais comunistas começaram a realizar concertos de “jornal vivo”, uma prática desenvolvida pelos soviéticos na década de 1920, na qual os atores improvisavam peças com base em eventos no noticiário. Teatro de rua, canções, pinturas de parede, shows de lanterna mágica: esses se tornaram os livros didáticos da atividade revolucionária. Nosso dossiê tenta destacar o mundo das canções como parte da história da cultura socialista.

As canções desses revolucionários, baseadas em baladas e formas camponesas, criaram os elementos de uma nova cultura: em suas próprias palavras, rejeitavam as hierarquias do campo e, em seu ritmo, permitiam que os camponeses elevassem suas vozes mais alto do que costumavam fazer na presença dos proprietários de terras. Tanto o conteúdo quanto a forma dessas músicas resumiam a ousadia de um novo mundo.



Praja Natya Mandali apresenta uma peça de rua. Crédito: Arquivos de fotografia do Praja Natya Mandali

As histórias dessas ações culturais e as transformações que elas geraram são frequentemente esquecidas – a supressão dessas histórias desempenha um papel político em nosso tempo. Ficou claro que os artistas comunistas da década de 1940 estudaram de perto as antigas canções camponesas e a história de rebelião nelas embutida; em seguida, pegaram essa história e a desenvolveram ainda mais, frequentemente usando ritmos novos e vibrantes para recontar a história revolucionária dos camponeses e trabalhadores. As canções da história da resistência se baseiam no passado para criar suas próprias e novas histórias. Essa é a espiral dialética da cultura, uma elevação das memórias de lutas passadas para inspirar novas lutas, cuja memória, por sua vez,

estimula novas mobilizações; cada conjunto de lutas leva as formas culturais ao limite de sua própria possibilidade, criando uma nova confiança nas pessoas cujo senso de si mesmas foi reduzido por antigas hierarquias e pela antiga pobreza.

Nosso dossiê espera trazer parte dessa história à tona, o que, de fato, está muito próximo do trabalho de nosso departamento de arte (para saber mais sobre esse tipo de trabalho teórico e de arquivo, recomendo que você **assine** o Boletim de Arte Tricontinental, cuja primeira edição saiu em março e é publicado no último domingo de cada mês).



Esta colagem inclui fotografias da peça de rua *Veera Telangana* (Telangana Heroica) tiradas nos anos 2000 por Praja Natya Mandali e fotografias de uma força combatente (*dalam*) da luta armada marchando no final dos anos 1940 tiradas por Sunil Janah.

Khalida Jarrar (nascida em 1963) é uma liderança palestina da Frente Popular para a Libertação da Palestina

(FPLP) e membra eleita do Conselho Legislativo Palestino. Uma pessoa corajosa e gentil, Jarrar está na mira das forças de ocupação militar israelenses há décadas. Ela foi presa em diversas ocasiões e mantida em detenção administrativa, muitas vezes sem nenhuma acusação (a primeira vez foi em 1989, quando foi presa em uma marcha do Dia Internacional da Mulher na Palestina). Desde 2015, ela passou tanto tempo na prisão quanto fora dela, com períodos cada vez mais longos atrás das grades. Na prisão, Jarrar tornou-se uma voz importante para as mulheres presas e organizou escolas políticas para suas companheiras de prisão. Em 2020, da prisão Damon de Israel, Khalida Jarrar contrabandeou uma **carta** que foi apresentada como um discurso de suas filhas no Festival de Literatura Palestina Escreve; ela fala sobre a importância do trabalho cultural entre as detentas:

Os livros constituem a base da vida na prisão. Elas preservam o equilíbrio psicológico e moral dos combatentes da liberdade que veem suas detenções como parte da resistência geral contra a ocupação colonial da Palestina. Os livros também desempenham um papel na luta individual entre cada prisioneira e as autoridades da prisão. Em outras palavras, a luta se torna um desafio para os prisioneiros palestinos, pois os carcereiros procuram nos despojar de nossa humanidade e nos manter isolados do mundo exterior. O desafio para os prisioneiros é transformar nossa detenção em um estado de “revolução cultural” por meio da leitura, educação e discussões literárias.

Quando li o discurso de Jarrar, fiquei impressionado com uma frase. Ela escreveu que “o romance *A mãe*, de Maxim Gorky, tornou-se um consolo para as prisioneiras que foram privadas do amor de suas mães”. É extraordinário que Jarrar e outras mulheres palestinas presas tenham experimentado em 2020 o mesmo tipo de sentimento que Mallu Swarajyam experimentou na década de 1940 com a leitura de *A mãe*. Isso nos lembra do poder de certos tipos de ficção para elevar o espírito e nos inspirar a agir de maneiras que, de outra forma, não poderíamos imaginar facilmente.

Em 11 de julho de 2021, durante um dos períodos de confinamento de Jarrar nas prisões de Israel, sua filha Suha morreu. Os israelenses rejeitaram o pedido de Jarrar para comparecer ao funeral de Suha. De luto, Jarrar escreveu um poema para chorar sua filha,

Suha, minha preciosa.
Eles me impediram de lhe dar um último beijo.
Eu lhe envio uma flor como despedida.
Sua ausência me dói, me assusta.
A dor é excruciante.
Continuo firme e forte,
Como as montanhas da amada Palestina.

Poemas, músicas, romances, peças de teatro: ficção que, na espiral dialética, nos inspira a agir e depois a descrever nossas ações, o que, por sua vez, inspira outras pessoas a agir e depois a escrever suas histórias.

Desde outubro de 2023, os israelenses endureceram o tratamento dado aos prisioneiros palestinos e trouxeram

milhares de novos prisioneiros políticos palestinos para prisões já superlotadas. As condições agora são mortais. As palavras mais recentes de Khalida Jarrar da prisão, publicadas em 28 de agosto, são de partir o coração. Durante uma visita de advogados da Comissão de Assuntos de Detentos e Ex-Detentos e do Clube de Prisioneiros da Sociedade Palestina, ela enviou a seguinte **mensagem**:

Estou morrendo todos os dias. A cela se assemelha a uma pequena lata fechada. Há um banheiro na cela e uma pequena janela acima, que foi fechada depois de um dia. Eles não nos deixaram respirar. Há um respiradouro estreito ao lado do qual eu me sentava a maior parte do tempo para respirar. Estou realmente sufocada em minha cela, esperando o tempo passar, na esperança de encontrar oxigênio para respirar e permanecer viva. A alta temperatura aumentou a condição trágica do meu isolamento, pois me sinto em um forno. Não consigo dormir devido ao calor, e eles querem cortar a água da cela, e quando peço para reabastecer minha garrafa de água, eles a trazem depois de quatro horas, no mínimo. Eles me deixaram sair para o pátio da prisão apenas uma vez após oito dias de isolamento.

Somos totalmente solidários com Khalida Jarrar. Traduziremos nosso último dossiê para o árabe e o enviaremos a ela para que possa ler as canções dos heróis de Telangana e se inspirar nelas.

Cordialmente,

Vijay.